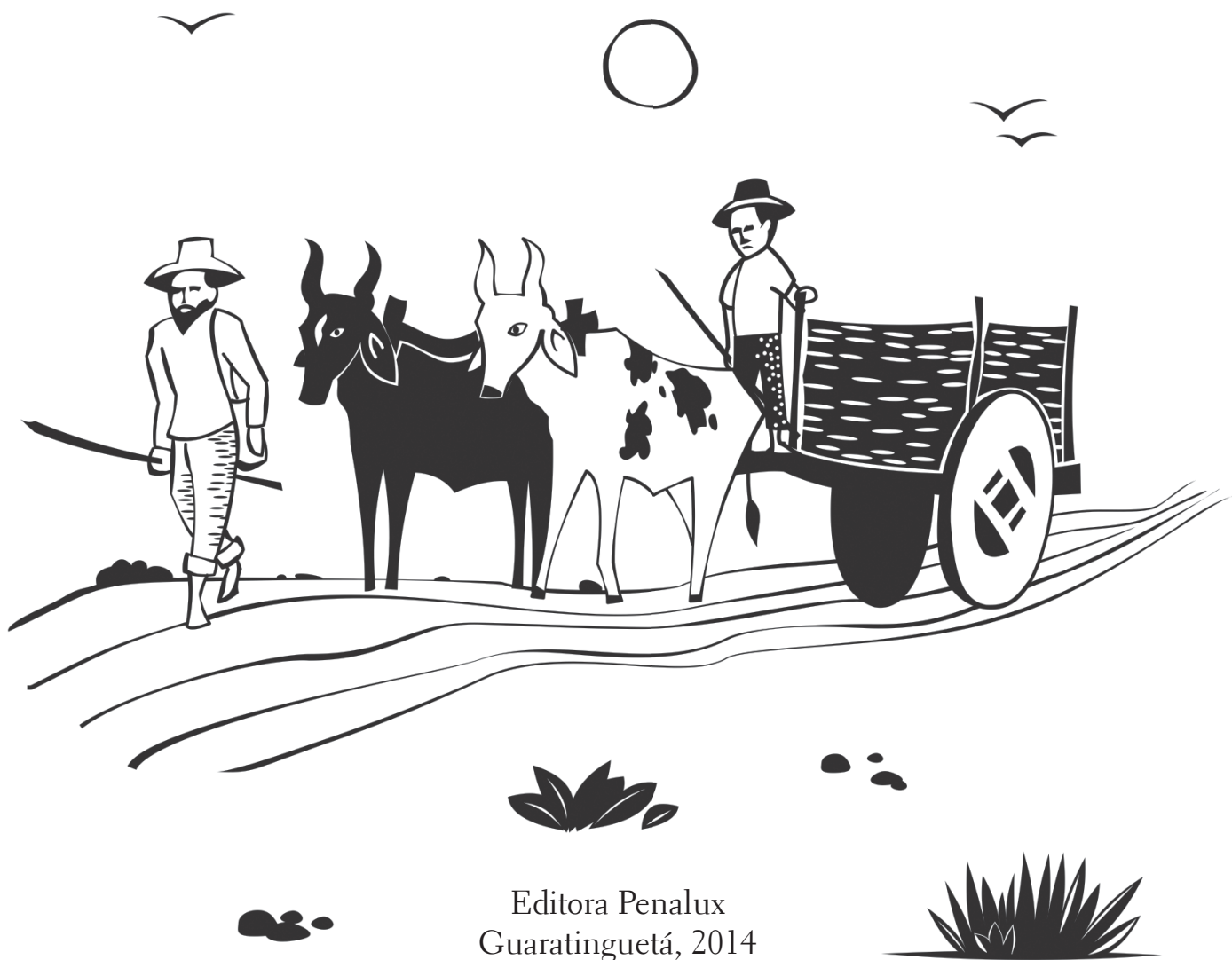


SANTOS E FEITICEIROS

ORLANDO FILHO



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2014






O LOBISOMEM

A fazenda ficava no meio do sertão mineiro, onde nascem os grandiosos pés de jatobá de tronco avermelhado e de boa madeira, onde cresce a sucupira preta que nos meses de agosto solta sua floração roxo-azulada. Ali pasta o porco-do-mato, o veado campeiro, o catingueiro. Canta a juriti, a jaó, o pássaro-preto. Naquele lugar, o cheiro do araticum maduro impregna o ar, e as árvores de troncos retorcidos e cascas grossas assumem aspecto fantasmagórico ao anoitecer.



Quando era tempo de moagem da cana-de-açúcar, todos se divertiam muito. O trabalho começava muito cedo. O barulho do engenho era constante, num ranger eterno, entrecortado pelos gritos do condutor dos bois.





— Rochedo! Êh boi, êh boi!

— Brilhante! Vamos, Brilhante!



Os animais, calmamente, andavam em círculos, um após outro, fazendo a máquina moer a cana que era enfiada entre os grandes rolos dentados que moíam o colmo, deixando escorrer o bonito caldo que caía em grandes vasilhas. Dali era transportado para os tachos sobre o fogo, constantemente alimentado por boa lenha. O caldo de cana fervia até engrossar. Grandes colheres eram feitas com cabaças furadas, amarradas em longas varas, usadas para retirar as impurezas. Depois, o caldo grosso era colocado nas masseiras, onde era batido com pás de madeira para dar ponto e fazer as rapaduras.

Nessa época, levantava-se muito cedo na fazenda. Quando o sol nascia, já havia se passado horas de trabalho. O café era coado e levado para os homens. Depois da ordenha, um copo de leite com conhaque para ensolarar o dia.

Toda a produção era estocada para o sustento da família. Os agregados da fazenda recebiam sua paga em mercadoria: rapadura, melado, etc.

Também era grande momento de festa e confraternização a época de fazer farinha e polvilho. Todos os agregados desciam para a casa grande da fazenda. Alguns homens eram escalados para arrancar os grandes tubérculos no mandiocal. A mulherada, crianças e os demais sentavam todos em roda, debaixo dos gigantescos pés de manga, e ali descascavam as raízes, para logo depois serem moídas numa grande roda de madeira.





Enquanto uns colocavam as mandiocas no encaixe, dois homens giravam a roda em meio a cantorias, trovinhas simples, ou desafios engraçados que a todos faziam rir. A massa era recolhida em grandes masseiras, donde uma parte era separada para fazer polvilho. Polvilho branquinho que se assentava lentamente no fundo das grandes masseiras de madeira. A outra parte era levada para uma enorme prensa de madeira. Uma camada de palha de buriti, outra de massa de mandioca, alternadamente, até encher a grande prensa. Depois era só apertar, apertar muito, para escorrer a água, deixar bem seca para depois ser levada aos grandes tachos e ser torrada a farinha.


Eram Zé de Ambrósio e Liozinho que se incumbiam de passar as noites torrando a farinha, mas, é claro, com uma garrafa de pinga boa para acompanhar o pito e se esquentar no friozinho da noite. E não era de se estranhar encontrar os dois pela manhã com olhos em fogo, mais tontos que dois gambás.

Depois da casa do engenho, havia um grande pasto que ia até o rio maior da fazenda. Ali, sô Aurélio Fortunato, o dono da fazenda, criava cabritos. Os meninos gostavam de ver os cabritos saltitantes, as bonitas cabras e o grande bode, senhor de todas.



Foi ali, naquelas terras, no meio daquele povo simples, que apareceu Neca Barbosa.

Neca Barbosa era feio por demais. Cabelo espetado, escapando do chapéu cônico de tão surrado. Uma barba grande





e suja que nunca era feita. Poucos dentes restavam na boca, grandes, desproporcionais, escurecidos pelo sarro de tanto fumo. Mascava e cuspiu de lado a borra preta, nojenta, dos nacos de fumo constantemente no canto da boca. Volta e meia aparecia na fazenda, proseava um pouco e acabava levando um toucinho, uma rapadura ou outra coisa qualquer. Era muito pobre. Apesar do aspecto amedrontador, Neca trazia uma simplicidade, uma doçura no olhar. Parecia ser totalmente desprovido de qualquer maldade, porém poucos conseguiam perceber isso.



Naquele dia chegou com um surrão imundo, pedindo ao senhor Aurélio um pouco de açúcar. Os chás para a velha esposa não podiam ser feitos com raspa de rapadura. O fazendeiro, que gostava de brincar com Neca, disse que colocar açúcar naquele surrão sujo era o mesmo que colocar anel de diamante em foinho de porco. Mandou preparar uma vasilha melhor e deu o açúcar ao homem. A meninada olhava de rabo de olho para o velho esquisito de calça arregaçada e pés no chão. Tinham receio, devido à fama que Neca Barbosa carregava: fama de lobisomem. O povo dizia que ele apareceu ali fugido da Bahia. Lá havia aprontado muito nas noites de quaresma quando se transformava na besta infernal. Por isso que não comia carne nem bebia café na quaresma, promessa para ficar livre da sina de lobisomem. E Neca era esquisito de verdade. Os pés descalços, cabeludos. Cabelo brotava no pescoço, no nariz e nas orelhas do coitado. Na cozinha as mulheres rezavam para o homem ir embora logo.





— Como é que vão as coisas, sô Neca?

— Do jeito que Deus é servido, sô Orelo.

— E dona Almerinda?


— Tá meio perrengada, mas vai vivendo. As pernas entrevadas demais, um dilurimento nos intestinos, quase não anda direito, não.

Falava olhando para o chão. Era raro fitar os olhos de uma pessoa.



Diziam que nasceu no sertão da Bahia, de relação promíscua de padre com mulher casada. Se tivesse nascido mulher seria mula-sem-cabeça, mas, homem, tornou-se lobisomem. Nas noites de lua cheia perambulava pelos terreiros das fazendas comendo bichos de quintal. Diziam que os urros do bicho davam calafrios nas almas de quem os ouvia. Numa noite, pessoas que vinham da cidade para a roça foram atacadas pela fera. Ninguém viu direito o que era, mas afirmavam que fora um lobisomem. Os olhos de fogo do bicho queimavam no escuro. O povo revoltou-se. Era hora de dar fim na fera. Neca jurava que não tinha nada com isso, que nunca se transformara em bicho nenhum, que era gente como todo mundo. Ora, mas um filho de padre safado com mulher desonesta só podia dar em coisa ruim.

Em noite alta, um morador do lugar acordou com barulho no galinheiro. Viu um vulto grande, vulto de bicho cabeludo andando em duas patas. Não hesitou, mandou chumbo. Dizem que no outro dia Neca apareceu com um braço ferido.





O ódio do povo aumentava. O homem fugiu para Minas e foi parar perto da fazenda de seu Aurélio. O velho fazendeiro dizia que aquilo tudo era invenção do povo, lereias, crendices. Mas o certo era que na quaresma Neca se recolhia e fazia suas penitências. Parece que por ali ninguém nunca viu lobisomem nenhum, mas não se esqueciam do caso. E a fama do coitado não se desvanecia.



A quaresma chegou mais uma vez, e com ela as tantas histórias pertinentes à ocasião. Era tempo da mula-sem-cabeça correr pelas estradas, dos lobisomens assombrarem as pessoas. Era tempo do Saci-Pererê fazer suas estripulias.

Na época da quaresma, os hábitos mudavam muito: penitência de não comer carne, não fumar, não beber. Alguns passavam os 40 dias sem cortar o cabelo ou fazer a barba. Não se sabe ao certo o porquê de tudo isso, mas era costume.

Na Quinta-Feira Santa havia a missa de lava-pés, quando o padre lavava os pés da menina vestida de apóstolos. Também havia a triste procissão do encontro. Da igreja nova saíam as mulheres acompanhando o andor de Nossa Senhora; da igreja velha, os homens em procissão acompanhavam o andor com Jesus Cristo. No meio do caminho, mãe e filho se encontravam, Jesus chicoteado e sangrando, Maria em lágrimas de dor. Toda essa cerimônia feita entre cânticos sacros, tristes, lamentosos. Na Sexta-Feira da Paixão acontecia a famosa procissão de velas.





www.editorapenalux.com.br

 biokarak@hotmail.com

 [/orlando.filho.54](https://www.facebook.com/orlando.filho.54)



COMPOSTO EM ELECTRA REGULAR E
IMPRESSO EM PÓLEN BOLD 90G/M²
EM SÃO PAULO PARA EDITORA PENALUX,
EM OUTUBRO DE 2014.